

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil ★ ★ ★

Publicado desde 1921

Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Diretor de Redação: Otavio Frias Filho — Conselho Editorial: Boris Casoy, Luiz Alberto Bahia, Rogério César de Cerqueira Leite, Joelmir Beting, Osvaldo Peralva, Marcelo Coelho, Roberto Macedo, Carlos Alberto Longo e Otavio Frias Filho (secretário)

Abaixo da crítica

Se o debate entre os candidatos ao governo de São Paulo foi marcado pela frieza com que se desenvolveu e pela rigidez de seu regulamento, deve-se constatar que, nos seus instantes de maior calor e veemência, o espetáculo foi ainda mais decepcionante e comprometedor. Entre a agressão mútua e a agressão à inteligência do eleitorado, os candidatos optaram por ambas. Ainda insatisfeitos, Antônio Ermírio e Maluf continuaram, nas suas declarações de ontem, com a mesma tática.

Mas vale a pena começar lembrando alguns aspectos mais amenos do debate. Como já se torna habitual em ocasiões desse tipo, houve mais promessas do que divergências sérias de ponto de vista programático; anunciaram-se tantas prioridades administrativas quanto as carências da população. Uma Constituição que garanta a casa própria e o abastecimento popular? Este é o desejo de Paulo Maluf. Nenhuma criança sem teto? Melhor votar em Quércia, e ver acoplada a essa realização uma melhoria nos transportes e a industrialização no interior. Com distintos graus de credibilidade, uma reformulação na máquina do Estado não foi esquecida; ou a saúde; ou a energia elétrica. E, de tudo o que se falou no gênero, só de uma coisa — infelizmente — poderá ter certeza o cidadão: se eleito, Maluf irá pôr a Rota nas ruas. Contribuirá, assim, para adicionar, à criminalidade de hoje, um novo fator de insegurança e medo para a população. Antônio Ermírio já manifestou, em outras ocasiões, sua concordância com a tese.

Da demagogia pré-eleitoral, passa-se para o insólito em algumas poucas tomadas de câmara. Paulo Maluf encaixa no programa sua homenagem a Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek; depois, advertindo contra interferências hipotéticas, consome-se numa peroração a favor da “nacionalidade paulista”. O PH governará apenas

com dez cargos de confiança. Eduardo Suplicy comenta, depois da discussão entre os candidatos, que a exaltação dos outros se deve à existência de “grandes interesses em jogo”; como se, na ausência deles, o PT se caracterizasse pela civilidade e moderação de atitudes.

Foi, de qualquer modo, o que menos houve no debate. Dificilmente será possível encontrar explorações eleitorais tão evidentes, como as denúncias de trabalho escravo em propriedades de Maluf e Antônio Ermírio. Caberia perguntar aos acusadores — Quércia e Suplicy — se realmente consideram seus concorrentes adeptos do escravismo; ou se, como empresários, constituem de fato a aberração e o exemplo de desumanidade que, por sua condição de candidatos, acusam-nos de ser.

Ainda a propósito dessa deprimente sequência de acusações pessoais, caberia perguntar a Paulo Maluf, por exemplo, qual a credibilidade que espera obter com a afirmação de que Antônio Ermírio “frequentava” o Palácio dos Bandeirantes em seu governo, se tem para comprová-la a fotografia de uma única visita. A Orestes Quércia, se julga ter ganho a confiança do eleitor acusando a empresa de Antônio Ermírio por fraudes que as companhias de frete, e não a Votorantim, teriam cometido. A Antônio Ermírio, se pretende merecer respeito da população quando recorre à simples injúria e às denúncias, que não tem como provar, sobre contas de Maluf na Suíça. Dedicou-se a exteriorizações desse tipo na tarde de ontem. O acusado revidou, com igual baixeza de termos. É preciso provar quem merece de fato toda essa carga de violências oratórias. Certamente, não a população de São Paulo, que vê uma campanha mediocre, inflada de divagações banais, enlamear-se agora de injúrias, leviandade e grosseria.